

Contribuinte n.º 502265094

Depósito legal n.º 45/458/91

Registo ICS n.º 114410

E-mail publico@publico.pt Lisboa Rua de Viriato, 13 - 1069-315 Lisboa. Telef.: 210111000 (PPCA). Fax: Dir. Empresa 210111005; Dir. Editorial 210111006.

Agenda 210111007; Redacção 210111008.

Ponto Rua de João de Barros, 265

- 4150-414. Telef.: 226151000 (PPCA) / 226103214. Fax: Redacção 226151099 /

226102213; Publicidade, Distribuição

226103011 Coimbra Rua do Corpo de

Deus, 3. 2º - 3000-176 Coimbra. Telef.:

239262954. Fax: 239829648 Madeira

Telef.: 934250100; Fax: 707100049

Proprietário PÚBLICO, Comunicação

Social, SA Sede: Rua de João de Barros,

265, 4150 Porto Imprensa Unipress.

Travessa de Anselmo Braancamp,

220, Arcos/4465, Vaisdarens. Telef.:

- 227537030, Miranda - Rua de

Rodrigues Faria, 103, 1300 Lisboa. Telef.:

213613400; Fax: 213613469 Distribuição

Logista Portugal - Distribuição

de Publicações, SA, Lisboa. Telef.:

219267800; Fax: 219267866; Porto. Telef.:

227169600/1; Fax: 227162123; Algarve:

Telef.: 289363380; Fax: 289363388;

Coimbra. Telef.: 239980350; Fax:

239983605 Assinaturas 808200095

Tiragem média total de Setembro

68.206 exemplares Membro da APCT

- Associação Portuguesa do Controlo

de Tiragem

Nos tempos modernos, houve duas reformas educativas: a de Veiga Simão e a de Cavaco-Deus Pinheiro-Roberto Carneiro

Cavaco Silva e a Educação

No discurso feito há dias, aquando da comemoração do 5 de Outubro, o Presidente da República optou por chamar a atenção para o estado em que se encontra o sistema educativo português. “Ao fim de quase um século de existência”, disse, “a República não conseguiu resolver a principal causa do nosso atraso estrutural - as deficiências na educação das crianças e jovens”, após o que mencionou a necessidade de os pais, as autarquias e as empresas se envolverem na educação das crianças.

Excepto a ministra da Educação, toda a gente aplaudiu. É fácil denunciar o atraso das mentalidades e atribuir aos pais a responsabilidade pelo mau comportamento dos filhos. Desde o século XVIII que os intelectuais não fazem outra coisa. Acontece que Cavaco Silva não é um intelectual acima ou fora da política. Pelo contrário. Estranho, por conseguinte, que ninguém tenha recordado as suas responsabilidades no sector.

Se bem se lembram, foi ele o homem que mais duradouramente ocupou o poder desde o 25 de Abril. Nunca alguém mandou tanto e durante tanto tempo. Se ideias tinha sobre a reforma da escola, teve dez anos para as executar. Ora, o que assistimos ao longo da década de 1985 a 1995 foi à permanência dos dislates pedagógicos veiculados pela esquerda e, mais tarde, interiorizados por uma direita analfabeta. Durante os X, XI e XII governos constitucionais, a que Cavaco Silva presidiu, ocuparam a pasta da Educação João de Deus Pinheiro, Roberto Carneiro, Manuela Ferreira Leite, Diamantino Durão e Couto dos Santos. Até por ter sido o que mais tempo se manteve no posto, vale a pena relembrar o papel de Roberto Carneiro.

Curiosamente, sob o seu consultado, a estratégia seguida pelo Bloco Central não se alterou. Foram adoptados os mesmos valores, agravados até por o ocupante da pasta se querer distanciar da direita. Os gabinetes de estudo mantiveram-se e os programas tornaram-se ainda mais palavrosos. Sinceramente, não sei o que deu a este país para que os engenheiros tenham uma especial aptidão pelo Ministério da Educação. Licenciado em Engenharia Química, Carneiro cedo trocou os laboratórios pelos gabinetes educativos, o que acabaria por lhe conferir o título honorário de Doutor em Ciências da Educação. Consultor de várias organizações internacionais - do Banco Mundial à UNESCO -, é visto como um guru. Simpático, afável e activo, toda a gente gosta dele. Por experiência própria, sei quanto difícil é ser-lhe hostil. Mas vamos ao que importa.



Maria Filomena Mónica

Ao dar rédea solta ao seu ministro da Educação, Cavaco Silva assumiu responsabilidades na forma como o sistema educativo evoluiu. O pensamento de Roberto Carneiro é difícil de ser contestado, até porque, em geral, aparece envolto numa retórica de onde é difícil extrair qualquer conteúdo. Mas vale a pena tentar. Dou uma amostra, retirada de uma recente conferência proferida na Universidade Católica: “Falar de pessoas, de pessoas concretas e não abstractas, e não apenas de currículos teóricos ou de políticas globais, impõe uma pergunta capital: onde estão as pessoas na educação? Onde estão os seus dramas? E as suas tragédias? (...) E, ao falar de pessoas, únicas e irrepetíveis, vem-nos à mente aquelas que não são apenas portadoras de inteligência cognitiva, mas aquelas - todas - que são dotadas de múltiplas inteligências e múltiplos talentos, os quais têm sido sistematicamente coarctados, reprimidos e minimizados no nosso sistema educativo”. Continua: “A inteligência comunicacional, as inteligências do coração - a inteligência afectiva e a inteligência emocional -, a inteligência estética, a inteligência moral ou a capacidade de discernimento reclamam novos equilíbrios na educação e diferentes gestões do que é verdadeiramente importante numa escola”. Depois, surge a vênua ao relativismo cultural: “A Educação tem obrigatoriamente de aceitar o diverso, como uma riqueza essencial do seu múnus, ou então está a fazer tudo menos libertar, emancipar de servidões, cortar com preconceitos”. Uma das consequências desta tese consiste “na aceitação pura e simples de que o conhecimento - melhor, o saber -, ao invés das convicções acumuladas durante mais de duzentos anos de positivismo racionalista, não reveste carácter predominantemente objectivo”. Por fim, argumentava: “Neste entendimento, a posição de cada um - a base étnica, o género, o escalão etário, a origem rural ou urbana, a história de vida - é essencial para o processo de construção do seu próprio conhecimento, para a cognição, a percepção e a transmissão do conhecimento assim cerzido”, de onde derivaria que o conhecimento não cabe num livro nem pode ser transmitido por um docente, cuja função não consistiria em “administrar conhecimento objectivo”, devendo tão-só limitar-se a contribuir para que os “saberes”, escondidos nas almas das crianças, tivessem condições para desabrochar.

Foi esta retórica romântica que, ao minimizar o valor do conhecimento, o legado da civilização ocidental e o



CARLOS LOPES

Cavaco, se ideias tinha sobre a reforma da escola, teve dez anos para as executar

papel do professor, conduziu ao caos pedagógico em que vivemos. Não se trata de atirar todas as culpas de uma trajectória infeliz para cima das costas do Presidente da República, mas de relembrar que, nos tempos modernos, houve duas, e só duas, reformas educativas: a de Veiga Simão, sobre a qual, noutro momento e local, me pronunciei, e a de Cavaco Silva-Deus Pinheiro-Roberto Carneiro. Foi então que se nomeou uma “Comissão da Reforma Educativa”, onde as sumidades pedagógicas do país tiveram assento. É verdade que o triunvirato Guterres-Marçal Grilo-Ana Benavente ajudou à missa, mas o primeiro celebrante foi Cavaco Silva. É por isso que, ao falar do sistema educativo, um acto de contrição não lhe teria ficado mal.

Professora universitária